

Ecos

Quando, na borda leste, em algum lugar no mundo, uma borboleta bateu asas, a rocha plantada sob meus pés esfacelou-se num pedregulhar escorregadiço. Meu mundo subverteu. Precipitei-me em queda livre, sob os maus presságios dos deuses destronados. À mercê da própria sorte, sem rede de proteção. E eu que sonhava espalhar pó de ouro sobre a terra, deparei-me com pandora em vendeta contra um filho mal-ajambrado. A despeito do baque, escamoteei desver o quanto me foi hostil. Fragmentos da infância remaneceram em mim, meu visor periscópico persistiu no módulo sensor zombeteiro, a curiosidade travessa antes genuína deu de improvisar arremedos. Aos poucos, fui ensimesmado pelo sarcasmo juvenil do impostor rejeitado. Adquiri um jeito calhordadeumafigadenãosentirdor. Virei um tipo desengraçado. Dias ímpares e tardes nubladas e noites vampiras e manhãs de ventania a rondarem-me em rodopios vertigem. Evocam-me sensações que há alguém piscando de esguelha, em espelhos paralelos, num viés que só meu olho alcança. Disfarço. Incorporo o figurino divisivo.

As coisas prosaicas da vida eu as quero desalmadas. Ocas, desprovidas do verniz dos sentimentos. Para meu cotidiano: a simplicidade docafésemaçúcarnaxícarasempiresorvidonobancodemadeirasemalmofada. Aos domingos: chinelossurradosroupapuídamoldadanoconfortodocorpo. No desapego do desejo, basta -me a ação volátil dos feromônios. A cambiância do vício, em ritmo e propulsão, escoa entre os dedos treinados. No copo do destilado caubói, afasto a melancolia, mimetizo alegorias. Barganho um toque de pele sutil da sílfide albina, bocabeijodenovela, que nunca terei. Para noite lasciva, a talagada de euforia vem da garrafa de alcatrão. A bonita barroca coxas de alabastro acena-me luxúria, vertigem sob os lençóis. O ritmo vertiginoso dos quadris me recompensa a ereção de aluguel. Bebo dela seiva e saliva, sigo seco insaciado. Roteirizo o macho disruptivo.

Às vezes, perco a clareza. E pensar que já tive medo de fantasmas, de contrariar a mãe, dormir e não acordar, andar na contramão. Enquanto envelheço, rogo fantasiar sem desperdício de afeição. O porquê do afeto migalha derramado entre lençóis, no desatino do estertor derradeiro. O porquê do desafeto roubado nos becos sórdidos, sob a navalha afiada de estranhos. Não desacredito do fenômeno raro que rodeia certos casais. Tal química transpira sensualidade. Mesmo vestidos, mostram-se nus. Ainda que em público, habitam redoma invisível num casulo cumplicidade. Espelham semelhança física: feito se umfosseaversãoinvertidadooutro. Almas gêmeas possuem códigos ocultos a

interpretações apressadas. Parece conto de fadas, mas é vida real em estado de graça. Não brotam duendes, geram filhos. Duram além de uma estação e, com sorte, envelhecem juntos. Então recupero a clareza.

Houve um tempo em que preguei teorias. Na lide, compreendi que estatística e probabilidade não me ajudam a contar histórias. Hoje destrato regras, preconizo o delírio. Acordei da dormência fincada nas raízes do solo-mãe. Volitei itinerante, destemido, em voo rasante. Fui do pio da coruja ao galo da madrugada. Do canto modulado a contratenor no coral da igreja. Hoje me calo na polifonia das vozes sem ouvintes. Minha estética é a do sussurro. No improviso da irreverência, uso o chicote da língua. Esgrimindo na ponta do alfanje com a estranheza da linguagem.

Foi quando, desavisado, esbarrei na poesia desprevinida. Aquela que alitera, onde a rima se desentende no instante da fala. Pelejei com o poema irmão do verso livre, gestado na amplidão da métrica solta. Sublimei redondilhas encasteladas em nuances ordinárias. Subi no tablado. Não pelo pão, pelo holofote. Se clamam assombro, enceno tragédia grega. Se esperam chalaça, liberto minha versão ópera bufa ao som de grunhidos histriônicos. Dispo-me. Feito o dramaturgo que se oferece na obra, para ganhar vida no corpo do ator.

Combatente desarmado, sublevo as manchetes dos jornais banhados num mundaréu de sangue. Atordoado, permeio trincheiras cognitivas, a guerra protagonizada dentro da guerra, em desintonia anarquista. Ensurdeço ao som balístico das explosões, que furam-me os tímpanos. Fanteche tocha humana, do teatro do absurdo, em tempo real. Transito entre a vigília ruidosa do alerta vívido e o sonambulismo dos sonhos enevoados. No hiato sedado da amnésia, para onde vai a consciência? Não se sabe. Habita a ausência de memória. Sinapsesemorsemdefesasempassado. Entre os entres.

Meu sexto sentido em desuso não me garante prever trovoadas. Singro o fluxo fustigado pelo marulho quebradiço num mar de vidro. Meu castelo insular atracado na borda da península: meia popa na solidez arenosa da praia, casco e meio na ondulação da proa. Às escâncaras, sem bússola, nado braçadas acrobatas em desequilíbrio elíptico sincronizado. Falta-me linguagem náutica para a impermanência das muitas águas. Enquanto resisto, navego à deriva continentes sem fronteiras. Esbarro em multidões de homens sem âncora. Desdenho a frivolidade profana, insulta minha cognição. Encaro a solidude moribunda por exclusão. Na escassez, o preço é caro.

Da alma andarilha restou-me um coração estropeado, duas pontes safenas, mancheia de cápsulas multicolor, abstinência forçada. Filhos? Não há que se transmitir hereditariedade na desilusão. Tenho avistado a inominada em vestes macambúzias, foice na mão, atocaiada nas esquinas mendigando almas, em meu encalço. Não ignoro os giros do *grand pas de deux*, só não retribuo a contradança. Morte? Poeticamente, sou contra. Um desperdício. Pecado? Sempre considerei ter vários, o declínio do corpo mostrou que me restaram poucos. Medo do fogaréu? Cruzcredotrêsvezes. Conseguem inventar coisa que voa pertinho docéu, mas nunca vi procissão de romaria tirar gente do inferno.

Fulano